

## SOB PRESSUPOSTOS DO CÍRCULO DE BAKHTIN: DISTINÇÃO ENTRE OS TERMOS ESFERA E CAMPO

ANA PAULA RAMÃO DA SILVA (UNIOESTE)<sup>1</sup>  
CARMEN TERESINHA BAUMGÄRTNER (UNIOESTE)<sup>2</sup>

**RESUMO:** Uma das dificuldades enfrentadas pelos iniciantes nos estudos da língua(gem) na perspectiva do Círculo de Bakhtin é a envergadura de sua produção teórica, que abarca uma vasta e complexa proposição de cunho materialista sobre temas relacionadas à cultura, à literatura e à língua(gem). Nesse sentido, este artigo pode colaborar para a formação inicial do estudante de língua(gem) ao discorrer sobre alguns conceitos basilares do referido Círculo. Seu objetivo é discutir o conceito de campo de atividade humana como um terreno que propicia a atuação dos meios ideológicos via linguagem — os estabelecidos e os em estabilização — propondo distinção entre os termos esfera e campo. Trata-se de pesquisa bibliográfica, recorrendo a estudos produzidos pelo Círculo, bem como a discussões nesse âmbito promovidas por pesquisadores brasileiros. Primeiramente, abordamos a formação do Círculo e a natureza social da linguagem defendida por ele. Em seguida, discorremos sobre as formas de manifestação da ideologia em intersecção ao conceito de campo de atividade humana. Na sequência, tratamos sobre o conceito de gênero discursivo, com ênfase em sua faceta filosófica e natureza axiológica e secundarização dos aspectos estruturais. Ao final, entendemos a língua(gem) como signo ideológico intrínseco às atividades humanas que se efetiva em conformidade às regulações de um campo de atividade humana, atravessado pelas esferas ideológicas em tensão à ideologia do cotidiano. Essas regulações pautam práticas culturais e sociais associadas à manutenção da vida desencadeadora da produção econômica. Na interação estabelecida nos campos de atividade humana, os signos ideológicos, principalmente a palavra, arranjada em enunciados, portadores de discursos, comporta a compreensão e a interpretação da realidade. Isso em aliança ao quadro axiológico desses campos que elaboram seus próprios gêneros do discurso, os quais captam e registram a tradição ideológica e suas alterações em curso. Esse fenômeno corresponde a mudanças nos campos de atividade humana e nos gêneros discursivos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Campo de atividade humana. Esfera. Meios ideológicos. Gêneros do discurso.

**ABSTRACT:** *one of the difficulties for beginners in language studies from the perspective of Bakhtin's Circle is the breadth of its theoretical production. It encompasses a vast and complex materialist proposition topics about culture, literature, and language. In this sense, this article may contribute to the initial education of language(gem) students by discussing some of the basic concepts of the Circle. The purpose this article is discuss about the concept the humans' activity field as na operation ground of the ideological means — the established and the stabilizing ones — by language, proposing a distinction between the terms sphere and field. It is a bibliographical research, resorting to studies produced by the Circle and discussions in this field promoted by Brazilian researchers. First, we discuss the formation of the Circle and the social nature of language defended by it. Next, we discuss the forms of manifestation of ideology in intersection with the concept of the field of human activity. After that, we think about the definition of the discursive genre with emphasis on its philosophical facet and axiological nature, secondary to its structural aspects. Finally, we understand language(gem) as an ideological sign intrinsic to human activities that take effect following the regulations of a field of human activity, crossed by ideological spheres in tension with the ideology of everyday life. These regulations guide cultural and social practices associated with life's maintenance and economic production. In the interaction established in the fields of human activity, the ideological*

---

<sup>1</sup>Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), E-mail: ramodasilvaanapaula@gmail.com.

<sup>2</sup>Professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), E-mail: carmen.baumgartner@yahoo.com.br.

*signs, especially the word, arranged in enunciates, carriers of discourses, hold the understanding and reality's interpretation that is allied to the axiological framework of these fields that elaborate their genres of discourse which capture and register the ideological tradition and its ongoing changes. This phenomenon corresponds to changes in fields of human activity and discourse genres.*

**KEYWORDS:** *Human's activity field. Sphere. Ideological means. Speech genres.*

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Uma das mais importantes contribuições teóricas do Círculo de Bakhtin para os estudos da língua(gem)<sup>3</sup> é o reconhecimento de sua natureza ideológica. Mais do que pensar, ou comunicar, a língua(gem) faz parte da constituição do humano. O estabelecimento da consciência, segundo trabalhos do Círculo, diz respeito ao desenvolvimento da língua(gem) sustentado pelas relações valorativas dos homens entre si e com o mundo. Usar a língua(gem) é materializar um posicionamento. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é discutir o conceito de campo de atividade humana como um terreno que propicia a atuação dos meios ideológicos via linguagem, em um processo em que tanto pode levar à tradição quanto à renovação de um cenário axiológico.

Reportamos aqui uma pesquisa bibliográfica, em que recorremos a teorias elaboradas pelo Círculo, bem como a consequentes discussões promovidas por pesquisadores brasileiros. Inicialmente, discorreremos sobre a formação do Círculo e suas atividades, além da natureza social da linguagem por ele defendida. Em seguida, discutimos sobre as formas de manifestação da ideologia em intersecção com o conceito de campo de atividade humana. Na sequência, tratamos sobre o conceito de gênero discursivo, com ênfase em sua faceta filosófica e natureza axiológica em detrimento dos aspectos estruturais.

A produção teórica elaborada pelos pensadores do Círculo referido se filia à problematização materialista da realidade. Essa problematização considera imprescindível considerar as relações de poder existentes na vida social, as quais se consubstanciam nas diversas formas de atuação dos homens e põem em relevo os índices valorativos de uma sociedade.

Isso se faz notar em tudo produzido pelos sujeitos em interação, principalmente pela língua(gem), que não só atua na referenciação da realidade, mas antes, e de forma precípua, é parte constitutiva dela e do sujeito. Dessa forma, ela reflete e refrata o mundo e lança luz para os movimentos ideológicos ao materializar contradições. Isso por meio de uma provisória estabilidade dos arranjos do signo ideológico organizados em um gênero do discurso.

O itinerário neste estudo cartografa as premissas teóricas fundamentais do Círculo: a indissociabilidade entre os elementos simbólicos, dentre eles a língua(gem), e a materialidade da existência do sujeito constituída pelas interações sociais. Como ser de língua(gem), ele compreende o mundo e nele atua a partir da relação com o outro nos vários campos de atividade humana, relação essa perpassada por múltiplos indicadores valorativos.

---

<sup>3</sup> Com fundamentação em Volóchinov (1926/2019), compreendemos por linguagem toda materialidade signica, que leva a uma interação discursiva (um movimento, um desenho, uma melodia, dentre tantos outros); nesse sentido, língua seria essa materialidade realizada na palavra. Optamos pelo uso língua(gem) toda vez que o que estiver sendo informado ou discutido puder ser atribuído a ambas. Além disso, segundo Franco, Acosta Pereira e Costa-Hübes (2019, p. 276), não havia, para o Círculo de Bakhtin, "distinção entre língua e linguagem como propunham os estudos do final do Século XIX e início do século XX".

## UM CÍRCULO MISTIÇO E MATERIALISTA

O século XX, em suas duas primeiras décadas, fervilhava ainda embebido no clima de euforia da *belle époque*, quando o mundo seguia confiante na prosperidade e no progresso material decorrentes dos avanços da tecnologia (DAOU, 2004), e ao mesmo tempo vivenciava as consequências da Primeira Guerra Mundial. Nesse cronotopo clivado por oxímoros, um grupo de intelectuais e profissionais russos<sup>4</sup> de diversas áreas, banhado pelas aspirações da Revolução Russa, reunia-se, inicialmente em Nevel, para discutir sobre várias manifestações da cultura, como a música, a pintura, a filosofia, a literatura e a língua(gem). Esse grupo seria identificado como Círculo de Bakhtin<sup>5</sup>, haja vista que os estudiosos da língua(gem), na atualidade, entendem que a produção individual de seus membros mais estudados (Bakhtin, Volóchinov<sup>6</sup> e Medviédev) é entretecida em diálogos do grupo realizados na década de 1920 durante encontros regulares (FARACO, 2009). Conforme o autor, a denominação não era por eles utilizada, tendo sido atribuída ao grupo de intelectuais russos *a posteriori*, pelos seus estudiosos contemporâneos, pois o próprio grupo não a utilizava.

Sipriano e Gonçalves (2018) afirmam que a expressão “círculo de Bakhtin” foi utilizada inicialmente pelo psicolinguista A. A. Leontiev, em 1967, em um artigo publicado em Leningrado. O termo logo teria se popularizado para se referir à existência de um grupo de intelectuais russos liderados por Bakhtin.

Geraldi acrescenta que o que se denominou de Círculo de Bakhtin não era um grupo formal e institucionalmente constituído, tampouco seus membros eram permanentes em todos os espaços em que se reuniam.

Obviamente o Círculo jamais existiu como algo institucionalizado, vinculado a alguma academia específica, em cujos arquivos se poderiam encontrar seus rastros. Mas seus componentes, nem sempre os mesmos em todas as cidades, se reuniam como comprovam tanto as repercussões na imprensa (desde Nevel) quanto as fotografias que ainda circulam entre nós. Obviamente, o batizado é posterior, como acontece nestes casos. (GERALDI, 2013, p.10).

Como podemos inferir, o Círculo existia, e seus membros apreciavam uma boa conversa, como também gostavam de perguntas e reflexões. Suas discussões circularam em artigos publicados em revistas russas da época, afirma Geraldi (2013). Na maioria, esses artigos teriam sido respostas a concepções sobre língua(gem) que existiam na Europa no início do século XX, a cognitivista (centrada no psiquismo individual do usuário da língua) e a estruturalista (centrada na língua como estrutura e sistema). Esses artigos, adicionados a outros, hoje figuram como livros, tal qual “Estética da criação verbal”, “Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na filosofia da linguagem” e “O método formal nos estudos literários”, tendo como uma das características a similaridade na redação, como se tivessem todos sido desenvolvidos a partir de um mesmo rascunho (GERALDI, 2013)

---

<sup>4</sup> Segundo Faraco (2009), esse grupo era composto pelo filósofo Matvei I. Kagan, pelo biólogo Ivan I. Kanaev, pela pianista Maria V. Yudina, pelo professor e estudioso de literatura Lev V. Pumpianski, pelo filósofo Mikhail M. Bakhtin, pelo professor de literatura Valentin N. Voloshinov e pelo educador e gestor de cultura Pavel N. Medvedev. Vitebsk e São Petersburgo foram cidades, além de Nevel, em que ocorriam as reuniões do grupo. Sipriano e Gonçalves (2018) acrescentam a esse grupo o nome de Konstantin K. Vaginov.

<sup>5</sup> Entre os estudiosos, não há consenso sobre a pertinência de se utilizar a expressão Círculo de Bakhtin para identificar a produção intelectual de seus membros, uma vez que tal expressão destacaria a pessoa de Bakhtin, o que seria inadequado. Contudo, não nos deteremos sobre essa seara.

<sup>6</sup> O sobrenome Volóchinov apresenta distintas grafias a depender da tradução. Nesta pesquisa, quando ele constar em citações, será mantida a grafia utilizada na tradução do trecho citado. Quando aparecer no texto de nossa autoria, utilizaremos a grafia Volóchinov.

Para o Círculo de Bakhtin, a materialidade da vida não poderia ser descartada nos debates acadêmicos sobre a cultura e a realidade, o que levou à consideração do papel dos elementos sociais na elaboração de uma concepção que, sem desconsiderar as contribuições das concepções anteriores, incorpora a dimensão social e histórica em que se banham sujeitos e língua(gem). Na efervescência teórica promovida pelos estudiosos do Círculo foi elaborada talvez a principal teoria sobre a língua(gem) de que dispomos, cuja fertilidade se estende até a atualidade. De natureza social, é concebida como dialógica, fundada na relação eu-outro, situados social, histórica e ideologicamente.

## A NATUREZA SOCIAL DA LÍNGUA(GEM)

Os teóricos do Círculo defendem que, mesmo nos primórdios do uso da língua(gem) e na verbalização interna da consciência (VOLÓCHINOV, 1926/2019), existe uma relação entre eu-outro, entre o falante e seu interlocutor. Compreendem-na em processo de interação entre os sujeitos, com uso real e efetivo nas relações interpessoais, as quais, em seu ponto de vista, não são neutras, mas engendradas no meio ideológico. É central na concepção dialógica de língua(gem) a compreensão de que relações de alteridade são definidoras da constituição do sujeito, pois até sua consciência seria forjada pelas relações sociais num processo complexo de produção do signo ideológico (BAKHTIN, 1979/2020; VOLÓCHINOV, 1929/2018).

A língua(gem) pressupõe mais de um, uma vez que em suas manifestações de uso é orientada pela interação com o mundo (BAKHTIN, 1979/2020; VOLÓCHINOV, 1925–30/2013, 1926/2019). A vida humana emaranha-se entre a palavra própria e a palavra do outro (BAKHTIN, 1979/2020). Em “O Freudismo”<sup>7</sup>, Bakhtin (1927/2009, p. 19) destaca que a “formação de respostas verbais só é possível nas condições do meio social.”

Nem o discurso interior, entendido como “fluxo de palavras que observamos em nós mesmos” (VOLOCHÍNOV, 1925–30/2013, p. 147), e como a encarnação da consciência em “material ideológico da palavra interior” (VOLOCHÍNOV, 1925–30/2013, p. 151), prescinde da relação com o outro para ter existência. Para o Círculo, até a “ideia mais vaga, uma vez não enunciada, e um complexo movimento filosófico pressupõem igualmente um convívio organizado entre os indivíduos” (BAKHTIN, 1927/2009, p. 21). Como observamos, somos todos sujeitos marcados pelo outro, porque fundados na relação com ele. A existência do eu é erigida na mediação com o outro. Em decorrência disso, para os estudiosos do Círculo, a formação da consciência e a compreensão sobre a realidade é um fato social, que passa pela interação dos sujeitos entre si.

Tanto Bakhtin (1927/2009) quanto Volóchinov (1926/2019) invalidam concepções sobre a língua(gem) que desconsiderem sua natureza social de emergência em função das necessidades materiais da vida: “Nenhuma enunciação realizada pode ser atribuída exclusivamente a quem a enunciou: é *produto da interação entre falantes*.” (BAKHTIN, 1927/2009, p. 79). Nesse sentido, a interação é elemento que conta com a coparticipação dos

---

<sup>7</sup> O exemplar utilizado nesta pesquisa leva a assinatura de Bakhtin. Trata-se de mais um título da produção bibliográfica do Círculo cuja autoria é alvo de controvérsia. Atualmente, os estudiosos brasileiros do Círculo recorrem às publicações de Grillo e Américo para reconhecer Volóchinov como autor de livros outrora atribuídos a Bakhtin. É o caso do título em questão. Grillo e Américo (2019) informam, a partir de pesquisa em documentos depositados na Filial de São Petersburgo do Arquivo da Academia Russa de Ciências (*Sankt-Peterbúrgski Filial Arkhiva RAN*) a existência de relatórios guardados na pasta pessoal de Volóchinov e em pastas gerais do Instituto de História Comparada das Literaturas e Línguas do Ocidente e do Oriente (ILIAZV), onde Volóchinov atuou entre 1924 e 1932. Entre os documentos encontrados, havia o Primeiro Relatório (1925–1926), no qual constavam trabalhos publicados ou no prelo. Um desses trabalhos era o livro “O freudismo: um esboço crítico”, que seria publicado pela editora Lenotguiz. (GRILLO, AMÉRICO, 2019).

sujeitos. Assim, é híbrida e hospeda, orientada pela hierarquia, as posições axiológicas dos sujeitos que a realizam, sendo responsável por sua simbiose, da qual pode emergir uma valoração nova, mestiça que, sendo proveniente dos sujeitos, não mais a eles se reporta de forma fidedigna.

É recorrente, nas discussões do Círculo, apontar que a compreensão sobre o mundo e sobre si mesmo se dá na relação com o outro, nos intercâmbios e interações realizados durante a luta material pela vida. Isso constitui a interação discursiva, que pressupõe a existência de dois ou mais sujeitos usando a língua(gem) em uma situação social historicamente situada. Nesse processo, a palavra, como signo ideológico, é importante, pois nela “dou forma a mim mesmo do ponto de vista do *outro* e, por fim, da perspectiva da minha coletividade.” (VOLÓCHINOV, 1926/2019, p. 179).

Se a palavra agrega três valorações (a do grupo, a do outro e a do sujeito que estabelece uma dada interação discursiva), ela não só referencia o mundo. Antes, e mais importante, ela o (re)significa, no sentido de comportar seus juízos de valor. Diante dessa compreensão, tanto a concepção cognitivista — centrada no indivíduo, quanto a estruturalista — centrada no sistema linguístico deixam de fora a natureza social da língua(gem). Esse ponto de transbordamento é tomado como elemento fundamental nos estudos do Círculo, para o qual a “interação discursiva é a realidade fundamental da língua.” (VOLÓCHINOV, 1926/2019, p. 181). Dois ou mais sujeitos em interação discursiva colocam em diálogo posicionamentos sobre o mundo, o que orienta o uso da língua(gem). O ângulo axiológico sustentado por cada um dos sujeitos consubstancia escolhas semióticas retiradas dos meios ideológicos, tema da seção seguinte.

## A ATUAÇÃO DA IDEOLOGIA: ENTRE A ESTABILIZAÇÃO E O FLUXO

Os membros do Círculo se dedicaram à discussão sobre a ideologia, que era problematizada pelas correntes de pensamento da época somente como uma produção psíquica. Em contraposição a isso, a teoria marxista, por meio do emprego de categorias da causalidade mecânica (VOLÓCHINOV, 1929/2018), relacionava a ideologia às condições materiais de produção da vida. Contudo, a rigidez do funcionamento dessas categorias, que abarcam as ações humanas somente na relação da superestrutura e da infraestrutura, era considerada inapropriada pelo Círculo. Como refinamento teórico da teoria marxista, ele concebe a ideologia como proeminente das relações estabelecidas entre os homens, entendendo-a como material e estreitamente relacionada à vida (VOLÓCHINOV, 1929/2018; MEDVIÉDEV, 1928/2019), mas tendo uma constituição e funcionamento complexo para além do condicionamento reducionista pressuposto pela causalidade mecânica.

Miotello (2005) esclarece que o conceito de ideologia<sup>8</sup> é fundamental nos trabalhos do Círculo, e está presente em toda sua produção teórica. É tratado de forma mais explícita em “Marxismo e filosofia da linguagem” e em “Problemas da poética de Dostoiévski”. Uma clara definição de ideologia se encontra no ensaio “O que é a linguagem/língua?”, de Volóchinov, escrito em 1930. Em nossas leituras, entendemos que, tanto em “O freudismo”, como em “O método formal nos estudos literários”, é possível identificar discussões sobre esse conceito e fazer inferências sobre ele, tal como a citação a seguir: “A compreensão da realidade desenvolve-se e origina-se no processo de comunicação social ideológica” (MEDVIÉDEV, 1928/2019, p. 200). Ao refletirmos sobre ela, inferimos ser próprio da ideologia, vista como algo do homem social, tornar o mundo tangível.

---

<sup>8</sup> Faraco (2009) aponta que ideologia, algumas vezes, nos escritos do Círculo, aparece como equivalente a axiológico.



Ao nos reportarmos ao referido ensaio de Volóchinov de 1930, encontramos o conceito em uma nota de rodapé: “Entendemos por ideologia todo o conjunto de reflexos e refrações no cérebro humano da atividade social e natural, expressa e fixada pelo homem na palavra, no desenho artístico e técnico ou em alguma outra forma signíca.” (VOLÓCHINOV, 1926/2019, p. 243). É perceptível que o fenômeno conceituado se descola de uma ação individual porque nasce das relações do homem com a realidade. Não se trata de uma reação mecânica àquilo que é vivido, uma vez que o homem consegue fazer (re)elaboração sobre aquilo que é experimentado. Dessa forma, o Círculo é vanguardista aos que colocavam “a questão da ideologia ora na consciência, ora como um pacote pronto, advindo do mundo da natureza ou mesmo do mundo transcendental”. (MIOTELLO, 2005, p. 168).

Para que um dado da realidade adquira valor de signo, precisa entrar para o universo daquilo que é valorado em um grupo. Conforme Volóchinov (1926/2019), é preciso que ele comporte algo da atividade socioeconômica, ou seja, é da luta pela produção material da existência que um signo se nutre. Nesse sentido, destacamos que “Todos os produtos da criação ideológica [...] são objetos materiais e partes da realidade que circundam o homem.” (MEDVIÉDEV, 1928/2019, p. 48). A relação entre consciência e materialidade das condições de manutenção da vida é uma via composta de fluxos sociais responsáveis pela formação de cada consciência individual que, ainda que conserve traços coletivos, tem uma forma irrepetível de existência. “O meio ideológico é a consciência social de uma dada coletividade, realizada, materializada e exteriormente expressa. Essa consciência é determinada pela existência econômica e, por sua vez, determina a existência individual de cada membro da coletividade.” (MEDVIÉDEV, 1928/2019, p. 56).

Logo, entendemos a ideologia como materialidade do jogo de forças sociais, as quais traduzem os interesses e contradições de uma coletividade. Compreendemos que os “fenômenos ideológicos, por assim dizer, abarcam os signos sociais, conferindo-lhes matizes valorativas.” (KRAEMER; LUNARDELLI; COSTA-HÜBES, 2020, p. 66). Para haver a manifestação da ideologia, é necessária uma coletividade com vínculos sociais, cujos afazeres sejam coordenados por sistemas de valores sobre o que pode ou não ser feito, o que é ou não aceito. Para Franco, Acosta Pereira e Costa-Hübbes (2019, p. 279), a “ideologia, nos escritos do Círculo, refere-se às múltiplas formas de compreender, apreender e avaliar a realidade social.” São os homens, envolvidos na manutenção das condições de vida, que estabelecem as linhas da ideologia, que tanto orienta quanto julga o seu entorno. Vem da parte da coletividade que consegue se impor aos demais o apontamento sobre o que deve ser mantido e o que deve ser descartado.

Faraco (2009) destaca que o Círculo utiliza a palavra ideologia para se referir à produção intelectual e não material do homem. Assim, não deve ser vista como “mascaramento do real”, em que há um esforço para anular os conflitos e instaurar um consenso voltado para a consolidação de uma hegemonia. A ideologia é sustentada pelo chamado “campo da criação ideológica — ciência, arte, moral, religião” (MEDVIÉDEV, 1928/2019, p. 43), ou “sistemas ideológicos: de ciência, arte, filosofia, opinião pública” (VOLÓCHINOV, 1926/2019, p. 260), ou “sistemas ideológicos formados — a moral social, a ciência, a arte e a religião” (VOLÓCHINOV, 1929/2018, p. 213) ou pelas “construções ideológicas — do direito, da moral, da ciência, da visão de mundo, da arte, da religião” (BAKHTIN, 1927/2009, p. 87). A esses circuitos ideológicos, interpenetra-se a chamada ideologia do cotidiano, tida como

uma sutil modalidade de ideologia [...] que se desmembra em discursos interior e exterior e difere da ideologia oficial, em certo sentido, por apresentar mais sensibilidade e mobilidade. Por essa razão ela é o receptáculo das contradições

que, atingindo certo limite, acabam implodindo a ideologia oficial. (BEZERRA, 2009, p. XXVII).

Os valores elaborados na vida social são instáveis e dinâmicos, afeitos a influências decorrentes da alteração na forma de produção da vida. A partir de um dado momento e sob determinadas condições, passam a se sistematizar de uma forma mais densa, pois os

sistemas ideológicos e enformados das ciências, das artes, do direito etc. cresceram e se cristalizaram a partir do elemento ideológico instável, que através das ondas vastas dos discursos interior e exterior banham cada ato nosso e cada recepção nossa. Evidentemente, a ideologia enformada exerce, por sua vez, uma poderosa influência reflexa em todas as nossas reações visualizadas. (BAKHTIN, 1927/2009, p. 88).

É impossível estar fora do alcance dos sistemas ideológicos formados. Eles impulsionam e condicionam todas as atividades dos sujeitos; mesmo quando são alvos de questionamentos, exercem a sua função agregadora e coercitiva. A fim de serem mais assertivos, utilizam de uma roupagem menos formalizada, menos institucionalizada em preceitos e regras, a ideologia do cotidiano, sendo que em

certos sentidos, essa ideologia do cotidiano é mais sensível, compreensiva, nervosa e móvel que a ideologia enformada, “oficial”. No seio da ideologia do cotidiano que se acumulam aquelas contradições que, após atingir certo limite, acabam explodindo o sistema da ideologia oficial. (BAKHTIN, 1927/2009, p. 88).

Com aderência e capacidade de acomodação, além de ser, simultaneamente, espelho e espectro dos valores de uma sociedade, a ideologia do cotidiano hospeda, embrenhadas em um processo de miscelânea, as linhas que constituirão os sistemas ideológicos formados. Dessa forma, passou-se a

chamar todo o conjunto das vivências cotidianas — que refratam e refletem a existência social — e das expressões exteriores ligadas diretamente a elas de *ideologia do cotidiano*. A ideologia do cotidiano atribui sentido a cada um de nossos atos, ações e estados “conscientes”. (VOLÓCHINOV, 1926/2019, p. 260).

Cabe à ideologia do cotidiano sustentar o processo em que o sujeito assimila a realidade exterior em convergência com a apropriação dessa realidade e formação de sua consciência. Dessa forma, contam dados da vida não só contemporâneos, mas todos aqueles que foram, de alguma maneira, incorporados na cultura.

As intersecções entre os sistemas ideológicos formados e a ideologia do cotidiano em ação na realidade são tratadas na seção posterior.

## **CAMPO DE ATIVIDADE HUMANA: OS MEIOS IDEOLÓGICOS EM ATUAÇÃO**

O conceito de campo de atividade humana<sup>9</sup> perpassa a produção do Círculo e, ainda que exigindo uma série de inferências, é registrado em “Marxismo e filosofia da linguagem”, “A palavra na vida e a palavra na poesia” e “Estética da criação verbal”. Como a maior parte da

---

<sup>9</sup> Grillo (2010) discorre que as primeiras publicações do Círculo trazem o conceito de esfera para discutir o texto literário. Informa ainda que na retradução de “Estética da criação verbal” ocorre a oscilação terminológica entre esfera e campo, o que facilita a aproximação conceitual. Todavia as traduções em francês, inglês e espanhol das obras do Círculo preferem manter o termo esfera.

arquitetura teórica do Círculo, esse conceito requer diálogo com outros, como signo ideológico, interação discursiva e comunicação social, a fim de ser melhor apreendido.

Além disso, recorrer a outras áreas, como a Sociologia e Filosofia, é uma forma de tornarmos mais consistente nossa apreensão. O sociólogo e filósofo francês Pierre Bourdieu é um estudioso que discute a organização da sociedade a partir das relações de poder, e pode ser uma referência produtiva para as reflexões sobre o conceito de campo e esfera na arquitetônica do Círculo. Para Franco (2010), esse teórico francês, ao desenvolver o conceito de campo, foca os partícipes criadores da ideologia em diversos espaços sociais. Segundo Grillo (2010, p. 147), Bourdieu se volta para a “complexidade das produções ideológicas”, cuja explicação requer que se extrapole os limites da ortodoxia marxista.

Volóchinov (1929/2018) defende que a comunicação social abarca a comunicação discursiva. Por comunicação, segundo Medviédev (1928/2019, p. 50), podemos entender “aquele meio no qual um fenômeno ideológico adquire, pela primeira vez, sua existência específica, seu significado ideológico, seu caráter de signo.” Equivale à capacidade de representar, substituir, refletir e refratar algo importante e decisivo para a existência de homens *socialmente organizados* (VOLÓCHINOV, 1929/2018, p. 97).

A comunicação entre os homens não ocorre natural e involuntariamente. Ela obedece a normas que são “determinadas diretamente por todo conjunto de leis socioeconômicas” (VOLÓCHINOV, 1929/2018, p. 98). Entretanto, essa “determinação” escapa à causalidade mecânica marxista existente na relação entre a superestrutura e a infraestrutura. Antes, é vista sob a perspectiva dialética que situa a ideologia como algo materializado e materializador nas/das relações sociais. Tal materialização funciona como um amálgama social sendo efetivado pelo signo ideológico, principalmente pela palavra (VOLÓCHINOV, 1929/2018; BAKHTIN, 1927/2009, 1975/1998; MEDVIÉDEV, 1928/2019).

Bakhtin (1975/1998, p. 261) orienta que os enunciados “refletem as condições específicas e as finalidades” de um campo de atividade humana e que esse é, como o enunciado, multiforme. Além disso, arrola uma série de enunciados concretos (escritos e orais) de diversos campos da atividade humana: “anais, tratados, textos de leis, documentos de escritórios e outros, diversos gêneros literários, científicos, publicísticos, cartas oficiais e comuns, réplicas do diálogo cotidiano (em todas as suas diversas modalidades).” (BAKHTIN, 1975/1998, p. 261).

Segundo os teóricos do Círculo, alinhados ao “espírito filosófico do marxismo” (VOLÓCHINOV, 1929/2018, p. 84), importam as relações estabelecidas pelo homem na vida em sociedade. A partir disso é possível discutir a historicidade humana, cuja existência material e simbólica é ancorada na realidade produzida pelas relações de trabalho, sociais e econômicas. Essa é a lente para se refletir sobre o humano. Assim, entendem a língua(gem) como “realidade material específica da criação ideológica” (VOLÓCHINOV, 1929/2018, p. 84). A interação discursiva é um dos tipos da comunicação social, existindo vários, como a comunicação artística, a comunicação no setor produtivo, a comunicação de negócios, a comunicação cotidiana, a comunicação *ideológica* no sentido estrito da palavra (VOLÓCHINOV, 1926/2019, p. 269).

A comunicação social pode ser entendida como um processo em que a criação ideológica e sua compreensão são realizadas também pela palavra, destacando que a criação ideológica “não se situa dentro de nós, mas entre nós” (MEDVIÉDEV, 1928/2019, p. 49). A ideologia é produzida por um coletivo humano socialmente organizado. Baumgärtner (2013, n.p.) afirma que as formas de uso da língua(gem) “são estruturadas e determinadas pelas formas de organização e de distribuição dos lugares sociais que os interlocutores podem ocupar



nas diferentes instituições, em situações sociais de produção dos discursos, e pelas ideologias que nelas circulam.” Os meios ideológico e social formam uma totalidade indissociável, pois um está implicado no outro. Quando os homens voluntariamente se acomodam em uma coletividade, concomitantemente emerge uma malha ideológica, a qual arranja e orienta as práticas dessa coletividade, inclusive as de uso da língua(gem), que não é passiva a esse processo. Ao contrário, devolve, alteradas, as fibras dessa malha, configurando um espelho-espectro da simbiose contida nesse processo.

Ao relacionar os conceitos de esfera — esse pertinente à obra do Círculo — e campo — referente ao trabalho de Bourdieu — Grillo (2010) adota a expressão esfera da comunicação discursiva (ou da criatividade ideológica, ou da atividade humana, ou da comunicação social, ou da utilização da língua, ou simplesmente da ideologia), ainda que no desenvolvimento de sua reflexão utilize a expressão esfera/campo ou campo/esfera, respaldada pelo uso alternado e sinônimo desses termos encontrado na obra do Círculo.

Para Grillo (2010, p. 143), a esfera da comunicação discursiva seria “um nível específico de coerções que, sem desconsiderar a influência da instância socioeconômica, constitui as produções ideológicas, segundo a lógica particular de cada esfera/campo.” Como confluência teórica entre o Círculo de Bakhtin e Bourdieu em relação ao conceito de campo, a autora destaca a capacidade deste de refratar, traduzir ou transformar aquilo que é externo ao seu âmbito (GRILLO, 2010).

Essa compreensão sobre a capacidade do campo é compartilhada por Franco (2010, p. 59), o qual afirma que nas “palavras de Bourdieu, o campo designa um espaço com autonomia relativa, um microcosmo que possui leis próprias e que pode ter o grau de autonomia quantificado de acordo com a influência maior ou menor imposta pelo que ele denomina de macrocosmo.” Nesse sentido, campo pode ser entendido como regularidade de relações sociais específicas, definidas em correspondência às imposições de uma dada sociedade, e que funciona para atender a demandas próprias e consubstancia a interação discursiva de seus integrantes.

Sobre o tema em discussão, recorremos também aos apontamentos de Rojo e Barbosa (2015), os quais se reportam, principalmente, às contribuições dos sociólogos Weber e Bourdieu. Segundo as estudosas, para o primeiro, os homens em interação social produzem estruturas (esferas) sociais dotadas de valoração. Trata-se de campos das atividades humanas centrais, basicamente três, com sistemas de funcionamento diferenciados: da ciência e da técnica; da arte; e da ética. A abordagem de Weber é uma tentativa de categorizar as ações humanas com foco naquilo que as diferencia. Destacamos a não equivalência valorativa entre os campos mencionados, o que aponta para a inviabilidade de homogeneização em uma organização social.

Bourdieu avança na discussão ao discorrer sobre as relações de poder, além da ética e da valoração. Com isso, lança à luz a tensão de forças inerente aos processos sociais. Nesse sentido, campo corresponderia ao embate entre a tradição e a ruptura. Seu funcionamento estaria atrelado ao *habitus*, habilidade exigida para a atuação em um campo e construída em consonância às disputas nele travadas (ROJO; BARBOSA, 2015).

Do ponto de vista de Rojo e Barbosa (2015), para Weber e Bourdieu,

a sociedade se organiza e funciona em campos ou esferas de atividades que se regem por leis próprias, as quais determinam a posição, os poderes, os deveres, os valores e os *habitus dos indivíduos* que atuam nesses campos ou esferas. Entre essas maneiras de agir em uma esfera, que Bourdieu denominou “*habitus*”, estão as maneiras de falar, de escrever e de se comunicar interagindo, ou seja, os gêneros discursivos”. (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 59).

Do exposto pelas autoras, podemos inferir que, para Weber e Bourdieu, não haveria distinção entre campo de atividades e esfera de atividades. Poderíamos, portanto, empregar livremente um ou outro termo. De qualquer modo, campo ou esfera funcionariam como dispositivos de coerção social e ideológica, em que uma das maneiras de agir, a língua(gem), dado seu caráter simbólico, exerce importante papel: nela, e por meio de relações de poder, ideologias e valorações são mobilizadas nas interações sociais. A língua(gem) tem no processo de interação social, mediado por enunciados, sua realidade fundamental. A unidade real relativamente estável de efetivação da língua(gem) são os enunciados, com seus temas, estrutura composicional e estilo linguístico, a que Bakhtin (1979/2020) nomeou de “gênero de discursos”.

Não discordando de Rojo e Barbosa (2015), parece-nos relevante fazer o exercício do pensamento na tentativa de problematizar possibilidades de diferenciar esfera e campo a partir das discussões do Círculo e das realizadas pelos pesquisadores anteriormente referidos. Para tanto, reportamo-nos, mais uma vez, à simbiose entre as condições materiais de existência e a interação discursiva, pois as “relações produtivas e o regime sociopolítico condicionado por elas determinam todos os possíveis contatos verbais entre as pessoas, todas as formas e os meios da comunicação verbal entre elas: no trabalho, na vida política, na criação ideológica.” (VOLÓCHINOV, 1929/2018, p. 107).

A concepção de língua(gem) orientada pelo marxismo parte da materialidade da existência real humana, na qual a ideologia se forma e pela qual se sustenta. A envergadura da obra produzida pelo Círculo traz conceitos que se interpenetram, muitas vezes funcionam como sinônimos, outras como hiperônimos e hipônimos<sup>10</sup>, tornando uma atividade desafiadora e complexa a apropriação adequada desses.

A partir dessa consideração, e dos apontamentos já referidos sobre campo e esfera, propomos as seguintes definições: a esfera poderia ser vista como o horizonte de atuação dos sistemas ideológicos formados como a arte, a ciência, a literatura, o direito, a moral, a religião etc., os quais se ocupam da comunicação ideológica e estão em fluxo ininterrupto com a ideologia do cotidiano; campo seria o conjunto de regularidades de relações sociais específicas estabelecidas entre os sujeitos nas atividades política e socioeconômica e nas práticas culturais e cognitivas perpassado pelas esferas ideológicas.

Entendemos por campo uma área cujas atividades e/ou práticas são previamente reguladas em função de uma finalidade. Por exemplo, no campo da ciência, as regulações dizem respeito à produção do conhecimento e um de seus fundamentos é o reconhecimento de um saber que alça o sujeito que o detém ao patamar de autoridade. Nesse campo, a língua(gem) se organiza em gêneros cujo projeto de dizer de um sujeito é elaborado e validado a partir de discursos de outros sujeitos reconhecidos como autoridade. Eles se materializam em relatórios, artigos, monografias, palestras, dentre outros.

As interações discursivas estabelecidas entre os sujeitos nesse campo, como em qualquer outro, são entrecortadas tanto pelas esferas (sistemas ideológicos formados anteriormente referidos), como pela ideologia do cotidiano. Por meio das esferas, dados posicionamentos axiológicos encontram vias de se consolidarem como preceitos naturais, totais, homogêneos, universais. Na arte, exalta-se a subjetividade; na ciência, persegue-se a

---

<sup>10</sup> Nesta seção, por exemplo, apresentamos a discussão feita por Grillo (2010) sobre a oscilação terminológica entre esfera e campo. Isso é recorrente nas traduções da produção bibliográfica do Círculo. Em “Marxismo e filosofia da linguagem”, Volóchinov (1929/2018) usa, em parágrafos próximos, interação discursiva e interação verbal.

previsibilidade e a regularidade; na religião, valoriza-se o transcendental. Como há, nos campos, coexistência entre as esferas e a ideologia do cotidiano, as primeiras se esforçam em sua atuação conformadora, o que pode levar à oscilação entre acirramento e esgarçamento.

Tal tensão pode trazer mudança no tecido ideológico de um campo, com desdobramentos na constituição e funcionamento de seus gêneros discursivos. Como resultado, pode haver alteração ou extinção deles, ou, ainda, o surgimento de novos. Compreendemos que uma mesma denominação pode ser atribuída a esfera e campo. Podemos ter a esfera religiosa e o campo religioso de atividade humana, o mesmo acontecendo com a esfera da arte e o campo artístico de atividade humana e assim por diante.

O campo religioso de atividade humana é perpassado pelas esferas religiosa, científica, da arte, dentre outras, bem como pela ideologia do cotidiano. Nele, comumente, o que tem mais *status* é a esfera religiosa, havendo momentos históricos, como o da Reforma Protestante, em que entendemos ter havido fortalecimento das esferas filosófica e humanista. Ao nosso ver, isso se deu por transformações alojadas na ideologia do cotidiano, as quais eram uma resposta à contundente atuação da esfera mundana na Igreja Católica em meados da Idade Média.

A paisagem descrita anteriormente pode ocorrer em qualquer campo. Na história recente do Brasil, principalmente entre 2020 e 2022, vimos um órgão do governo federal, o Ministério da Saúde, facilmente associado ao campo científico de atividade humana, minar as iniciativas de profissionais de saúde e de cientistas brasileiros voltadas para a contenção da pandemia causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2) e diminuição dos prejuízos à saúde da população decorrentes da doença provocada por ele, a covid (ESTADÃO, 2022). Em nossa compreensão, essa postura se articula à esfera religiosa (o destino de cada um confiado à providência divina) e vai de encontro à esfera científica.

Cada campo consubstancia a própria interação discursiva, que, ao ocorrer pelo uso da palavra, efetiva-se em enunciados que se organizam por meio deste ou daquele gênero de discurso.

## O PAPEL DOS GÊNEROS DO DISCURSO

Um dos textos mais utilizados para discutir o conceito de gênero discursivo é o capítulo “Os gêneros do discurso”, do livro *Estética da Criação Verbal*, de Bakhtin. Nesse capítulo, Bakhtin estabelece uma relação essencial entre o gênero discursivo ao campo de atividade humana que o produziu. Um campo de atividade humana necessariamente utiliza a língua(gem) em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos (BAKHTIN, 1979/2020, p. 261). Esses enunciados mantêm certas regularidades em seu conteúdo (temático), estilo e construção composicional<sup>11</sup> em consonância às especificidades e finalidades do campo de atividade humana no qual foi engendrado, o que leva Bakhtin (1979/2020, p. 262) a afirmar que “cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados”. Esses, como mencionamos na seção anterior, o autor denomina de “*gêneros do discurso*”.

Em síntese, referindo-se a interações verbais, para Bakhtin os gêneros discursivos são os enunciados (aquilo que ele fala e escreve) utilizados pelo sujeito (desde uma réplica numa

---

<sup>11</sup> Franco, Acosta Pereira e Costa-Hübbers (2019, p. 286 – 287) esclarecem o que seriam esses elementos, a saber: I) conteúdo temático: “é sustentado pelos condicionantes do extraverbal, pois a partir deles o sujeito organiza seu projeto de dizer, estabelecendo sua unidade de sentido e sua orientação ideológica específica”; II) estilo: recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais (em enunciados verbais); ou cores, figuras, imagens, tamanho das letras etc. (em enunciados multimodais), selecionados pelo autor do enunciado; “III) construção composicional: elementos que organizam/formatam/estruturam o enunciado, mas que não se resumem em formas rígidas”.

conversa íntima até a um tratado científico, ou seja, tudo o que o homem diz ou escreve em função da interação). Eles apresentam uma estabilidade provisória, alterada conforme as necessidades sociointeracionais discursivas, e funcionam segundo as demandas de um determinado campo de atividade humana. A interação que ocorre por meio da língua(gem) não visa apenas comunicar ou referenciar. Sinaliza uma tomada de posição do sujeito, pois a palavra é um signo ideológico.

Essa tomada de posição materializada em um enunciado é entendida como discurso, “a língua em sua integridade viva” (BAKHTIN, 1929/2002, p. 207). Ou seja: quando usamos a língua(gem), produzimos enunciados, os quais tornam material nosso discurso (nosso posicionamento axiológico) em decorrência da ideologia que nos conforma. O discurso, visto como ponto de vista, apreciação, julgamento, opiniões sociais (BAKHTIN, 1975/1998) de um sujeito sociohistoricamente situado, corresponde ao alcance de uma ideologia. Para Faraco (2009, p. 47), o enunciado “sempre tem uma dimensão avaliativa, expressa sempre um posicionamento social valorativo.”

Ainda que o referido capítulo seja um dos mais requeridos para a compreensão do conceito de gêneros de discursos, outros membros do Círculo contribuem de forma significativa para essa apreensão. Morson e Emerson (2008) destacam a consistente contribuição teórica dada por Medviédév para esse conceito no capítulo “Os elementos da construção artística”, do livro “O método formal nos estudos literários”. Mesmo que voltadas para a produção literária, as considerações de Medviédév, em oposição ao formalismo russo, ao entender a “obra como fato social orientada para a audiência” (MORSON; EMERSON, 2008, p. 288) e como o demarcador do início de uma análise, apontam a relevância da relação do enunciado (qualquer que seja) com os elementos extraverbiais, com os dados do mundo, da realidade concreta. Para Medviédév, (1928/20202, p.195), a “seu modo, cada gênero está tematicamente orientado para a vida, para seus acontecimentos, problemas, e assim por diante.”

Volóchinov (1926/2019) também discute o gênero discursivo e, da mesma forma que Bakhtin (1979/2020), destaca a relação entre o enunciado e o campo da comunicação social, ou seja, das atividades discursivas que se desenrolam em determinado campo de atividade humana, como o familiar, o literário, o jurídico, etc. Por serem realidade da língua(gem), os elementos constituintes dos enunciados são elaborados a partir das exigências de um dado campo de atividade humana, em que são desenvolvidas determinadas atividades de produção material da existência, em que o enunciado,

como unidade da comunicação discursiva e como um *todo* semântico, constitui-se e toma uma forma estável precisamente no processo de uma determinada interação discursiva gerada por um tipo de comunicação social. Cada um dos tipos dessa comunicação citados por nós organiza, constrói e finaliza, *a seu modo*, a forma gramatical e estilística do enunciado, sua *estrutura típica*, que chamaremos adiante de *gênero*. (VOLÓCHINOV, 1926/2019, p. 269).

Ao se alinharem às discussões materialistas sobre a realidade, os teóricos do Círculo dispensam aos dados concretos da existência importância precípua em suas ponderações. Para eles, a realidade extraverbal é produtora de enunciados, os quais, ao cumprir satisfatoriamente uma demanda discursiva e a sustentar medianamente dadas regularidades, constituem-se como gênero,

um conjunto de meios de orientação coletiva na realidade, dirigido para seu acabamento. Esta orientação é capaz de compreender novos aspectos da realidade. A compreensão da realidade desenvolve-se e origina-se no processo da comunicação social e ideológica. (MEDVIÉDEV, 1928/2019, p. 200).

Nesse sentido, o gênero pode ser entendido como um radar que capta as alterações em curso nas malhas ideológicas. Não é um uso natural da língua(gem). É muito mais: é a materialização verbal (muitas vezes multissemiótica) dos embates ideológicos que perpassam um dado campo de atividade humana, com capacidade de sinalizar o fortalecimento de uma dada ideologia, o que leva a transformações de seus elementos e justifica sua estabilidade relativa. Vale destacar que a estabilização de um gênero, mesmo que provisória, não é feita de acordo com seus elementos constituintes e sim com a efetivação de um projeto de dizer mobilizado pelo posicionamento axiológico do sujeito em ação em dado campo de atividade humana.

Se ainda restar questionamento sobre o que seria um gênero do discurso, “Medviédev responde a essa pergunta de maneira bem clara: é um modo específico de visualizar uma dada parte da realidade.” (MORSON; EMERSON, 2008, p. 291). Entendemos ser essa definição orientadora para o estudo do gênero, pois sinaliza para a sua natureza social e ideológica. Essa deve ser a porta de entrada em uma análise, uma vez que, a partir disso, são definidos todos os seus elementos constitutivos, que são organizados de forma flexível nos gêneros, que “governam o nosso discurso diário, tanto ‘exteriores’ quanto ‘interiores’”<sup>12</sup> (MORSON; EMERSON, 2008, p. 291). Machado (2005) entende o gênero discursivo como parte da cultura e como uma conexão dinâmica entre sujeitos e sistemas de linguagens. Há que se considerar que, sem ele, a interação discursiva seria extremamente morosa, uma vez que ele organiza o que será enunciado. Além disso, os estudiosos do Círculo defendem que apreendemos o mundo por meio de enunciados (gêneros), e não por palavras ou frases soltas.

Outra característica fundamental do gênero é ser um artefato cultural, já que ele registra e conserva usos da língua(gem), como também é um documento das transformações desses. Para Morson e Emerson (2008, p. 296), “Bakhtin veio a identificar o gênero como um órgão-chave da memória e um importante veículo da historicidade.” Considerando que um gênero discursivo realiza um projeto discursivo ao materializar um discurso, destacamos sua faceta ideológica. Para Bakhtin, existe uma relação indissolúvel entre o uso da língua(gem) e a atividade humana, manifestada pelos enunciados em forma de gêneros (FARACO, 2009; MACHADO, 2005). Nesse sentido, eles carregam os multidiscursos decorrentes dos vários papéis sociais exercidos pelo homem e põe em destaque um desses posicionamentos axiológicos. Acosta Pereira e Rodrigues (2010) entendem que os gêneros apresentam marcas históricas e sociais, e, com sua estabilidade relativa, escapam à padronização formal.

Em sua materialidade, é possível recuperar os embates ideológicos que perpassam um dado campo de atividade humana. Os elementos que compõem um enunciado, ainda que se apresentem sob uma certa regularidade, são orientados por esses embates e, como parte de uma atividade do homem, são suscetíveis a novos arranjos em face de forças ideológicas, pois em sua totalidade, o gênero, não só reflete como também refrata “as condições específicas e as finalidades de cada esfera social”. (RODRIGUES; ACOSTA PEREIRA, 2021, p. 161). Por ser estritamente ligado às circunstâncias em que é produzido, o gênero torna-se um atestado das interações sociais de uma dada coletividade. O que é dito no gênero é um registro discursivo do que é experimentado por um dado grupo social. Dessa forma, “o gênero é um instrumento socialmente elaborado que organiza uma atividade sociolinguageira, ao mesmo tempo que a materializa”. (BAUMGÄRTNER; COSTA HÜBBES, 2007, p. 15).

---

<sup>12</sup> Ao discorrer sobre a formação da consciência, Volóchinov (1929/2018) recorre aos termos palavra — ou discurso — interior (a consciência) e palavra exterior (o enunciado). Para ele, existe uma relação intrínseca entre signo e consciência.

A partir dos conceitos propostos pelos teóricos do Círculo e das contribuições dos demais teóricos referidos, compreendemos o gênero: I) como uma apropriação coletiva sobre um recorte da realidade; II) como artefato cultural; III) como atividade humana; IV) como unidade organizada de uso da língua(gem) composta por elementos flexíveis; V) como indicio de movimentação nos meios ideológicos; VI) como registro de usos da língua(gem) em consonância a posicionamento axiológico de uma coletividade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Círculo de Bakhtin, no início do século XX, em contraposição aos estudos da língua(gem) à época, defendem que a língua(gem) é mais que expressão do pensamento por meio de um sistema linguístico. Para eles, a língua(gem) é elemento constitutivo do homem, pela qual o homem consegue estabelecer relações eivadas de valor. Um ser de língua(gem) estabelece um discurso que, materializado em um enunciado, permite estabelecer juízos de valor sobre o mundo.

Orientados pela concepção dialógica de linguagem do Círculo de Bakhtin, entendemos que a língua(gem) é naturalmente social e, conseqüentemente, ideológica. Não existe neutralidade em seu uso. Ao vivermos em sociedade, somos orientados por seu cenário axiológico, do qual ninguém evade. Esse cenário resulta das interações realizadas durante a manutenção da vida, em que o grupo decide o que é importante para conseguir êxito em seus propósitos. A essas práticas culturais e sociais estabelecidas entre os homens, chamamos de campo de atividade humana, o qual é perpassado pelas esferas ideológicas e pela ideologia do cotidiano e promove atividades discursivas específicas.

Neste estudo, fizemos a tentativa de diferenciar esfera e campo de atividade humana. Esse corresponderia a uma área cujas atividades e/ou práticas são previamente reguladas em função de uma finalidade. Aquela equivaleria aos sistemas ideologicamente formados, que coexistiriam com a ideologia do cotidiano em um dado campo. Nesse, por meio da interação discursiva, efetivam-se os signos ideológicos, com destaque para a palavra, naturalmente social e dialógica. A palavra de um sujeito é interpenetrada pelas palavras de outrem e suas posições axiológicas.

A palavra, como signo ideológico, é organizada em formas relativamente estáveis de enunciados, cuja função é realizar o projeto de dizer de um sujeito por meio de um gênero do discurso que atenda às exigências, necessidades e especificidades de um dado campo de atividade humana. Nesse sentido, ao estarmos envolvidos com as lidas da vida, nos relacionamos com o outro, principalmente pela língua(gem) que, discursivamente, em forma de gêneros, lança luz sobre a realidade, enquanto assenta os embates axiológicos em consonância a uma hegemonia ideológica.

Contudo, como o que se relaciona com a natureza humana necessariamente comporta a provisoriedade, o gênero discursivo também hospeda as alterações em curso na ideologia do cotidiano (por isso sua instabilidade composicional). Nesse sentido, nos campos de atividade humana os meios ideológicos atuam vivamente e, a depender das transformações materiais da realidade, tanto podem ter um papel reacionário quanto vanguardista, o que é assimilado pelos gêneros do discurso.

## REFERÊNCIAS

- ACOSTA PEREIRA, R.; RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso sob perspectiva da Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin. **Letras**, Santa Maria, v. 20, n. 40, p. 147–162. jan./jun. 2010. Disponível em: <https://tinyurl.com/8wxv4svn>. Acesso em: 17 mar. 2019.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. 4. ed. São Paulo: Unesp/ Hucitec. 1998.



- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- BAKHTIN, M. **O freudismo**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2020.
- BAUMGÄRTNER, C. T.; COSTA-HÜBES, T. da C. (org.); **Sequência didática: uma proposta para o ensino da Língua Portuguesa nos anos iniciais – ensino fundamental**. Cascavel – PR: Assoeste, 2007. Caderno Pedagógico 02.
- BAUMGÄRTNER, C. T. Gêneros do discurso e formação de professores: do imediatamente sensível ao mediadamente perceptível. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 7., 2013, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2013. p. 890-902. Disponível em: <https://bityli.com/ZYQKGi>. Acesso em: 13 fev. 2022.
- BEZERRA, P. Freud à luz de uma filosofia da linguagem. *In*: BAKHTIN, M. **O freudismo**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. XI–XIX.
- DAOU, A. M. Introdução. *In*: DAOU, A. M. **A belle époque amazônica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 7–11.
- ESTADÃO. Médicos e cientistas assinam nota de repúdio à nota técnica pró-cloroquina. **UOL**. 23 jan. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2022/01/23/medicos-e-cientistas-assinam-carta-de-repudio-a-nota-tecnica-pro-cloroquina.htm>. Acesso em: 20 dez. 2022.
- FRACO, C. A. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2009.
- FRANCO, N. **Jornal-laboratório: as intervenções didáticas do professor-editor à produção escrita do aluno-jornalista**. 344 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000159199>. Acesso em: 10 fev. 2022.
- FRANCO, N.; ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HÜBBES, T. C. da. Por uma análise dialógica do discurso. *In*: GARCIA, D. A.; SOARES, A. S. F. **De 1969 a 2019: um percurso da/na análise de discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. p. 275–300.
- GERALDI, J. W. O mundo não nos é dado, mas construído. *In*: VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013. p. 7–28.
- GRILLO, S. V. de C. Esfera e campo. *In*: BRAIT, B. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2010. p. 133–160.
- GRILLO, S.; AMÉRICO, E. V. Registros de Valentin Volóchinov nos arquivos do ILIAZV. *In*: VOLOCHÍNOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, resenhas e poemas**. Tradução, ensaio introdutório e notas Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.
- KRAEMER, M. A.; LUNARDELLI, M. G.; COSTA-HÜBBES, T. C. da. A linguagem e sua natureza ideológica. *In*: FRANCO, N.; ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA HÜBBES, T. da C. (org.) **Estudos dialógicos da linguagem: reflexões teórico-metodológicos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 63–88.
- MACHADO, I. Gêneros discursivos. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 151–166.
- MORSON, G. S.; EMERSON, C. Psicologia: a autoria de um eu. *In*: MORSON, G. S.; EMERSON, C. **Mikhail Bakhtin: a criação de uma prosaística**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Edusp, 2008. p. 187–193.
- MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Grilo. São Paulo: Contexto, 2019.
- MIOTELLO, V. Ideologia. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 167–176.
- RODRIGUES, R. H.; ACOSTA PEREIRA, R. Os gêneros do discurso como elementos integradores para/nas aulas de leitura, escuta, produção textual e análise linguística: subsídios teóricos-metodológicos. *In*: ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HÜBBES, T. da C. (org.). **Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa**. São Carlos: Pedro e João, 2021. p. 157–182.
- ROJO, R.; BARBOSA, J. P. Gêneros discursivos: o que são? *In*: ROJO, R.; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola, 2015.
- SIPRIANO, B. F.; GONÇALVES, J. B. C. A difusão do pensamento bakhtiniano no Ocidente: uma leitura dos contextos de recepção no Brasil. **Eutomia**, Recife, v. 21, n. 1, p. 120-143, jul. 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/ykx3fvck>. Acesso em: 13 abr. 2021.
- VOLOCHÍNOV, V. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.
- VOLOCHÍNOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na filosofia da linguagem**. Tradução, notas e glossário Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grilo. São Paulo: Editora 34, 2018.
- VOLOCHÍNOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, resenhas e poemas**. Tradução, ensaio introdutório e notas Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.